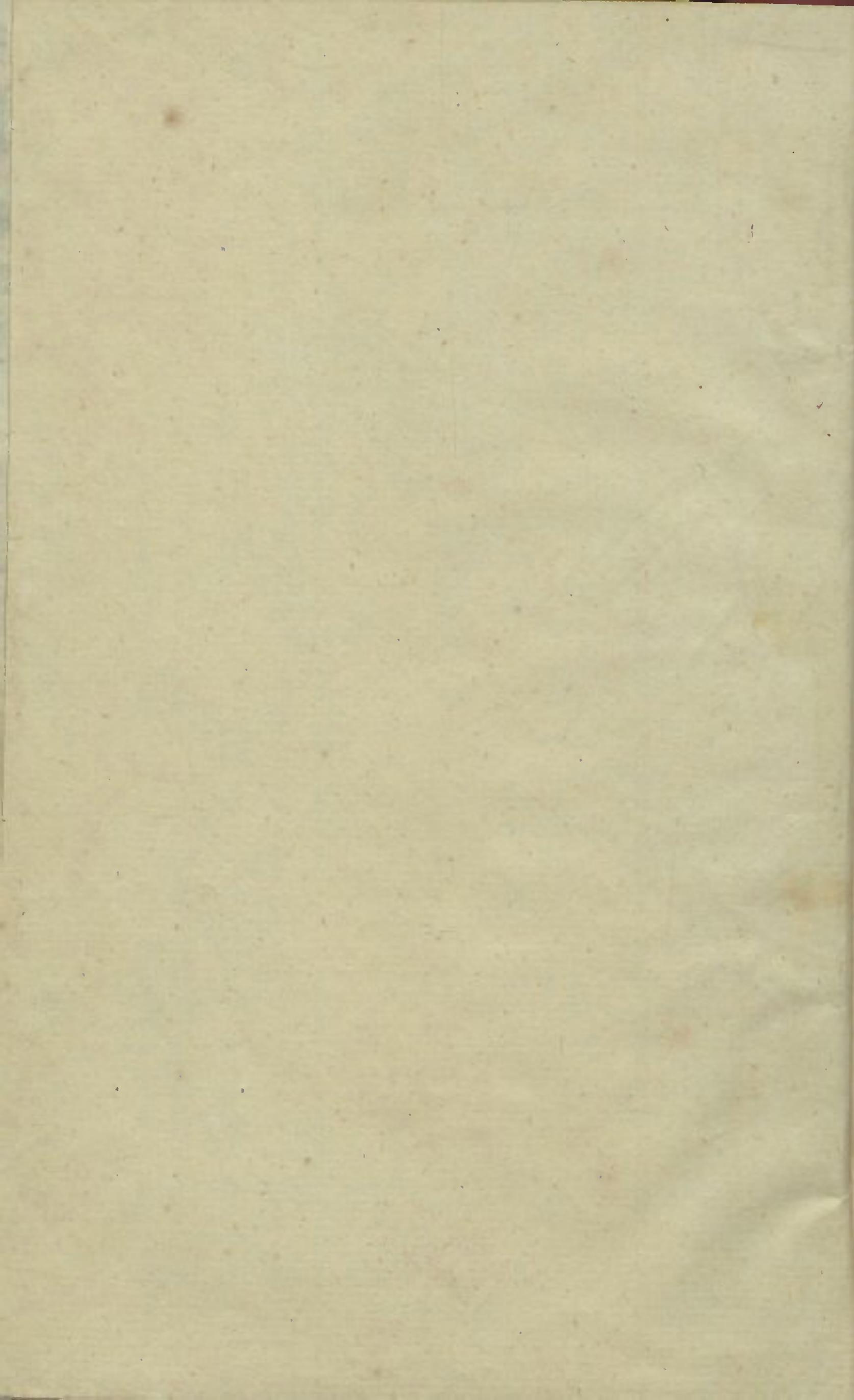


CAMONEANA

1453

B. N. L.



FESTAS DO CENTENARIO EM COIMBRA

ALFREDO CARVALHAES

CAMÕES EM CEUTA

Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu
Dando caminho ao mar Mediterraneo.

CAMÕES (*Elegia*).

01882140

VENDE-SE NA LIVRARIA
DE
J. E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR
12 — Rua do Almada — 16

1881



COMPRA

332103

CAM
1453P

INSTITUTO DE ESTUDIOS DE ECONOMIA

ALVARO LOPES

CAMPOS EM GREGO

ALVARO LOPES
INSTITUTO DE ESTUDIOS DE ECONOMIA
RUA DA CRUZ, 100 - PORTO
1900

ALVARO LOPES

ALVARO LOPES EDITOR

PORTO: 1881—IMPRESA COMMERCIAL



ucb(H)1072997

CAMÕES EM CEUTA

Meiga socia da ausencia, agudo espinho
Do bem perdido, languida saudade;
Rola que chora e quer do extincto ninho
O almo calor, a turbida anciedade;
Dolorosa visão, que em desalinho
Nos vae mostrando da passada idade,
Lyrios que brotam d'arenosas fragoas,
Os agros risos, as fagueiras magoas!

Porque o segues assim, quando do Abyla
Se vae sentar no alcantilado cume!
Que estrella seductora alli scintilla?
De ignota rosa alli qual o perfume?
Que letras grava na candente argilla?
Porque mostra dos ventos ter ciume,
Dos ventos que das partes do Occidente
Vão visitar as praias do Crescente?

Ai! ó fundos mysterios de quem ama
E deixa entregue ao luto o bem amado!
Que doce voz, a voz que assim nos chama,
Mas quem pôde vencer as leis do fado?
Se Deus o quer assim, chora, derrama,
Teu pranto ardente, ó peito atribulado,
Que quando Deus não quer não pôde o homem
Mudar em riso as penas que o consomem.

Não! mas em troca Deus na infinidade
Dos bens de que é senhor, quer que exp'rimentes
No mais doce de todos a bondade
Com que soccorre as almas excellentes;
Se d'amor te privou, dá-te a saudade,
Por que d'amor ainda te alimentes!
Coragem! que o soldado quando suja
Com pranto o rosto, a lâmina enferruja.

—Vê do mouro a galera empavesada
Com que guerreiro ardor te desafia!
De Joanne a memoria abençoada
N'alma te accenda a bellica energia!
De Africa ao sol fulgure a nobre espada,
Por que de novo se erga a monarchia
D'esse feio desleixo miserando,
Que dia a dia a vae apequenando.

Ah! se por cada pedra das ameias
Da excelsa Diu o Castro arrisca um filho,
Que destino fallaz, que estranhas peias
Te impedem de seguir o mesmo trilho?
De que negro futuro te arreceias?
Tu, que tanto renome e tanto brilho
Na patria em pugnas vans ganhar soubeste,
Acaso os brios naturaes perdeste?

—Esse que ora defendes truculento
Padrão do forte peito lusitano,
Primeira pedra foi do monumento
Que andamos levantando alem do oceano;
Sangue de heroes serviu-lhe de cimento,
E de cupula esforço mais que humano;
—Preludio ingente da epopeia estranha
Quem melhor o entender, mais gloria ganha.

Eis hi vês claramente percebido
Do derramado sangue inda o vestigio,
Que não póde apagal-o, d'atrevido,
D'alheio braço superior prodigio.
D'aqui gradualmente eil-o subido
O nome portuguez ao mór fastigio,
Fastigio tal, que a petulante lyra
Que de Roma cantou muda suspira!

— Monstro nefando e digno de castigos
Gravissimos seria quem nascendo
D'esta Carthago nos vergeis amigos
Tal thesouro cedesse ao mouro horrendo!
Ó vós, que lá da sombra dos jazigos,
Nossos passos estaes seguindo e vendo,
Lusitanos varões, Decios potentes,
De nós tirae os olhos, descontentes!

Tirae, que a geração que hoje florece
Eil-a abatida, lassa, afeminada;
Avós vos chama, ufana, mas parece
Que em ventres corrompidos foi gerada.
Do vasto emporio a palma amarellece
Por vós com tanto sangue conquistada,
E em quanto assim definha, a mocidade
A vida gasta em baixa ociosidade.

Vêde este que do Tejo se partira
Com tão bellos auspicios, como inclina
Sobre a chorosa, enervadora lyra
A fronte que das barbas torna indina!
Canta d'amor, d'amor chora e suspira,
Quando do mouro a colera ferina
De mil canhões pelas sangrentas boccas,
Do mar atroa as retumbantes tocas!

Onde os protestos de bravura? onde
Os testemunhos do valor sentido!
Que é feito, trovador, anda, responde,
Do tanta vez esforço prometido?
Silencioso e mudo a face esconde,
Porque o mundo não fuja espavorido
De tanta covardia e tanto medo,
Quando p'ra tudo isto inda era cedo!

Para os combates vens deixando preza
A coragem, da amante, ás brandas saias!
Da guerra o fogo queres, quando acceza
Te vòa do occidente para as praias
Em outro fogo a alma?—Se a fereza
Das balas receiando, assim desmaias,
Antes volvas da patria á terra amada,
Que a espada aqui é tudo e a lyra nada.

A lyra por mais alta e sonora
De nada serve no fragor da lucta!
Mas ah! que nevoa estranha e pavorosa
Minha fraca razão envolve e enlucta!
Tu covarde, Camões! Da injuriosa
Supposição perdôa a offensa bruta,
Que o meu intento, quando tal fazia,
Era dar a teus feitos mór valia.

Pois não te vejo, acaso, ensanguentado,
Sem um olho, abatido, exausto, enfermo;
Pois não te vi brandindo, denodado,
Ferro que do valor não sabe o termo?
D'alto exemplo paterno estimulado,
Lá do sangrento mar no movel ermo,
Quem melhor combateu, pondo em fugida,
Do mouro a esquadra rábida, atrevida?

Cara custou aos lusos a victoria
Mas salvou-se da patria o baluarte;
Pois que a vida é fugaz e transitoria
Onde se extingue pouco importa a parte.
De novo fulje o sol da nossa gloria!
Eia! tremula, impavido estandarte,
Como n'outr'ora tremulaste ovante
De Diu na muralha altisonante.

— Mas não cuideis, ó vós, que do prodigio
Vindes seguindo, passo a passo, a estrada,
Que o não occupa e prende outro litigio
Além do que sustenta com a espada!
Antes, como das musas o prestigio,
Vêde, lhe accende a mente sublimada,
Vate e soldado—dous laureis alcança,
Um com a penna, o outro com a lança.

Cheio de crença e fé, seu pensamento
Nada mais o domina do que a ideia
De levantar à patria um monumento
Que eterno torne o nome de Ullysseia.
Se a seu gosto lhe der acabamentoo
De comparações não se arreceia
Tanto confia em si, e tanto préza
A que ha de celebrar heroica empreza.

È certo que de Homero o assusta a fama,
E faz com que do intuito se arrependa;
Mas quer por outro lado o illustre Gama
Que em chamma estranha o peito se lhe accenda;
E como quem como elle a patria ama
Nada ha que pela patria não emprensenda,
O designio formou alto e subido
De exp'rimentar seu pulso decidido.

Porque quando fraqueje (o que não teme)
Do seu engenho o vôo audacioso,
Da já cançada nau verá ao leme
O que celebra vulto portentoso.
Serenos já sorri—o heroe não treme!
Tremem, porquê?—Acaso é duvidoso
Que o toro incendiado o fogo apegas
Ao toro que sobre elle se aconchega?

Assumptos ha de si tão miseraveis
Que Homeros amesquinham quando os tractam;
Mas dos heroes as lendas formidaveis
Grandes tornam tambem os que as relatam;
E eu não creio que dentre os memoraveis
Feitos que antigas lyras aquilatam
Mais digno algum se mostre d'alto accento
Do que esse em que traz posto o pensamento.

Mas emquanto compõe da maravilha
A sempiterna, magica harmonia,
Vejamos donde vem esta esquadrilla
Que entrou do Tejo a esplendida bahia.
De longe deve vir, pois traz a quilha
Cheia dos limos que a demora cria,
Ostrinhos, caranguejos, co'o sargaço
E várias cousas mais do argenteo espaço.

D'Africa ou India vem, mas, ó surpresa!
De novo aqui, mui desditoso poeta?!
Que ancia de novas magoas anda acceza
Dentro em tu'alma attribulada, inquieta!
Do rei que esperas tu, se o rei é preza
Da que a nação tomou doença infecta,
D'amor que buscas, á abatida côrte
Que vens pedir?—A recompensa ou a morte.

SONETOS

I

NO CARNAVAL

(CONVITE)

São horas! Da primeira contradança
Ouço o bravo rumor candenciado;
Eil-o, o meu velho dominó bordado!
Partamo-nos, senhora, o tempo avança.

Bem que doente, exaustado, escalavrado,
Tenho na minha idade confiança;
De mim nada receie, que não cança
Quem de tanto a querer não tem cançado.

Mas se cançasse, flor, se Deus quizesse
D'esta pallida vida que fenece
Sustar alli a desgastada mó,

Que melhor recompensa e melhor premio!?
Morrer das tentações no doce gremio!
Ter por mortalha um doido dominó!?

II

DONA IGNACIA

(1881)

..... alma de vacca
Morras tu de hydropezia!
(*Anonymo*).

Tem sempre à sua meza cem convivas,
Cem torpes parasitas que á porfia
Buscam testemunhar-lhe em cada dia
E em cada noute as afeições mais vivas.

Porque as filhas — modestas sensitivas —
De quando em quando estragam da *Lucia*
Uma aria qualquer, a biltraria
Logo as compara ás mais illustres divas!

Ella então é das secias a princeza
Relatam do seu luxo as maravilhas,
No tracto é mais ducal que uma duqueza.

Assim prouvera á grei dos farroupilhas,
Poupar-lhe, já não digo a lauta meza,
Mas o dote e o pudor das pobres filhas.

III

A VINGANÇA

Duas vezes na terra condenado
Por amor, do desprezo, ao negro inferno,
Recorro da sentença, angustiado,
Para o supremo tribunal do eterno.

Não, que espere justiça; o sempiterno
Julgador do universo, despeitado
Pelo criterio do saber moderno,
O pleito me dará por bem julgado.

Não, não a espero, nem tão pouco a ancia
De reparar às decisões injustas
De Deus me levaria á nobre estancia;

As minhas ambições são mais augustas:
Quero perder na derradeira instancia,
E não pagar ao padre eterno as custas.

IV

PAX TECUM

E pois que de teu seio o mais ardente
Desejo é que eu te deixe e que eu te esqueça;
Fica-te em paz e em paz perpetuamente
Fique também esta febril cabeça.

Não mais em sonhos loucos me appareça
Do teu semblante a imagem transparente;
Ah! por mais que eu te busque e te appetença
Não lograrei jámais metter-te dente!

Sim, é já tempo de pôr fim á asneira;
D'esta comedia as peripecias varias
Já não conseguem deslumbrar a feira.

Vão-se apagar, portanto, as luminarias;
Agora tu, em paga da canceira,
Põe também termo ás massadoras arias.

V

OS POETAS

Andamos pelo mundo espavoridos
Cheios de sangue e cheios d'agonia;
Ninguem ao nosso canto presta ouvidos,
Ninguem percebe a nossa psalmodia.

Porque nos veem em tedio submergidos,
O tedio fazem derivar da orgia;
E bradam: Ó da sombra homens perdidos,
Olhae, da redempção vem perto o dia.

Ah! bem vos vejo, ó bandos sanguinarios,
Armando a cruz dos funebres calvarios,
Onde esperaes pôr termo aos dias nossos.

Eil-o, o farto festim! ânimo! á boda!
Devorae-nos embora a carne toda,
Mas deixae-nos em paz os frios ossos.

VI

DESOLAÇÃO

Apodrecido e pobre, exaustos e velho,
Inspiro nojo e tédio e vivo ainda;
Pelo que vejo, a expiação não finda,
Deus quer no mundo este aviltante espelho.

Deus é tyranno, as folhas do Ev'angelho
Mentem mais do que a bocca outrora linda,
Da cocotte feroz, que na berlinda
Dos seus despezos me esburgou o artelho.

Ó bardos da manada, ó bando espurio,
Olhae das musas a ideal bandeja,
Não da sequer um frasco de mercurio.

Exemplo a todos meu destino seja:
Eu tenho uma latrina por tugurio,
Por capitolio a porta d'uma igreja.



~~CAM~~
7453A

